

ARTIGO

EFEITOS DA EXPOSIÇÃO À MÍDIA VIOLENTA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA (2012-2022)

TULIO KAHN

Sociólogo formado pela PUC de São Paulo, com mestrado e doutorado em Ciência Política pela USP, Tulio Kahn é consultor da Fundação Espaço Democrático e do IPEA e foi consultor da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, atuando na Coordenadoria de Análise e Planejamento de 2003 a 2011.

País: Brasil **Estado:** São Paulo **Cidade:** São Paulo

Email: tulio.kahn@hotmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9800-0492>

ROGER FERREIRA

Jornalista (ECA-USP) e mestre em Ciência Política (FFLCH-USP), atuou em redações (Folha de S.Paulo e Veja) e campanhas eleitorais, foi secretário de Comunicação do Governo de São Paulo (2004-2006), fundador da agência Fator F Inteligência em Comunicação e em 2013 lançou a iniciativa Paz na Mídia.

País: Brasil **Estado:** São Paulo **Cidade:** São Paulo

Email: rogerferreira.comunica@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-5455-5990>

FERNANDA POLI GARCIA

Jornalista, especialista em jornalismo político.

País: Brasil **Estado:** Distrito Federal **Cidade:** Brasília

Email: fernanda.poli7@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0003-4166-7506>

TWANNY EMMANUELLY GOMES DE OLIVEIRA

Doutoranda em Economia Aplicada (ESALQ/USP), com mestrado em Economia e Desenvolvimento (UFMS) e graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

País: Brasil **Estado:** São Paulo **Cidade:** Piracicaba

Email: twanny.oliveira@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-3000-5828>

GUSTAVO FACUNDO NINO

Orgulhosamente venezuelano. Cientista político. Mestre em Demografia (UFMG). Mais de 10 anos de experiência profissional. Áreas de Atuação: Pesquisa aplicada, Gestão e análise de dados, Construção de indicadores, Desenho, Monitoramento e avaliação de Políticas Públicas.

País: Brasil **Estado:** Costa Rica **Cidade:** San José

Email: gustavopolitologo@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-7948-2089>

Contribuições dos autores: Tulio Kahn e Roger Ferreira contribuíram para a concepção e delineamento do estudo, incluindo planejamento, escolha de metodologias e coleta de dados. Além de Kahn e Ferreira, os demais autores participaram da análise dos dados, quantitativos ou qualitativos, interpretação dos resultados e discussão dos achados. Todos participaram ativamente na redação do manuscrito e na revisão crítica do conteúdo.

RESUMO

O artigo analisa de forma sistemática a literatura empírica sobre mídia e violência nos últimos dez anos. Como parte de um relatório maior, o texto concentra-se em 35 artigos que analisaram os efeitos da exposição a

conteúdos violentos. Apesar de apresentar diferentes níveis de robustez, esta literatura demonstra que a exposição ao conteúdo violento tem diversos efeitos deletérios e duradouros, especialmente entre os jovens. Esses incluem comportamento agressivo, transtornos mentais, alterações cerebrais, piora no sono e na alimentação e alterações nas percepções. O texto também procura documentar quais políticas e fatores protetivos podem ser utilizados para amenizar essas externalidades negativas. Os resultados encontrados sugerem que a exposição infantil à violência midiática tem diversos efeitos prejudiciais, incluindo comportamento violento e agressivo, estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, dentre outros.

Palavras-Chave: Violência. Mídia. Exposição.

ABSTRACT

EFFECTS OF EXPOSURE TO VIOLENT MEDIA: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE (2012-2022)

The article systematically analyzes the empirical literature on media and violence over the last ten years. As part of a larger report, the text focuses on 35 articles that have analyzed the effects of exposure to violent content. Despite varying levels of robustness, this literature demonstrates that exposure to violent content has a number of deleterious and long-lasting effects, especially among young people. These include aggressive behavior, mental disorders, brain changes, worsened sleep and eating habits and altered perceptions. The text also seeks to document which policies and protective factors can be used to mitigate these negative externalities. The findings suggest that children's exposure to media violence has several detrimental effects, including violent and aggressive behavior, post-traumatic stress, anxiety and depression, among others.

Keywords: Violence. Media. Exposure.

Data de Recebimento: 23/02/2023 – **Data de Aprovação:** 26/03/2023

DOI: 10.31060/rbsp.2024.v18.n2.1879

INTRODUÇÃO

Há uma farta documentação sobre o tema mídia e violência, dependendo de como definimos os termos de interesse, a começar pelos termos “mídia” e “violência”. Mídia é uma categoria que abrange diversos meios de comunicação, como o rádio, a televisão, o *streaming*, os videogames, os jornais impressos, os *podcasts*, a internet e as redes sociais. Em cada um desses meios, há uma variedade de subcategorias, como filmes de ficção, programas de notícias, músicas, esportes, desenhos animados, dentro das quais há também conteúdo violento. Para fins deste levantamento, o foco será na televisão, nos jornais e na internet, em particular no conteúdo não ficcional, de natureza jornalística.

As mídias podem ser interpretadas de diversas maneiras, por exemplo, por temas como agressões, assassinatos, armas, crimes, brigas interpessoais, suicídios, cenas de sexo e vulgaridade, abortos, casos de terrorismo e massacres em escolas, guerras e conflitos internos e internacionais, para citar apenas alguns.

Além dos temas gerais, associam-se aqueles também relacionados a grupos específicos, como policiais, criminosos, pessoas com deficiência mental, imigrantes, operadores do sistema de justiça criminal e vítimas da violência. É de suma importância compreender a narrativa e como a mídia retrata esses personagens envolvidos no mundo da violência cotidiana. À exceção de tópicos como vulgaridades, pornografia e abortos, tratados em uma parte específica da literatura, os demais temas estão contemplados no conceito de violência, adotado por este trabalho.

Existem diversos mecanismos sociais que controlam a forma como a mídia veicula determinados conteúdos – como sistemas de classificação de conteúdo, autocontrole da imprensa, supervisão parental, projetos de instrução das mídias (*media literacy*), etc. – que visam minimizar os efeitos mais danosos ou sobre aqueles que estão mais vulneráveis. A literatura também apresenta diversos fatores protetores – como religião, família, a comunidade imediata, os pares, valores morais – que parecem ser capazes de filtrar e mediar como esse conteúdo é recebido, minimizando possíveis danos. Esse tópico é relevante por permitir a identificação de políticas públicas e privadas que podem ser aplicadas para minimizar os danos causados à sociedade e às pessoas.

Este trabalho defende que há uma lacuna na literatura brasileira e latino-americana a respeito do tema, apesar de esta ser uma das regiões mais afetadas pelo problema da violência. A revisão tem como objetivo complementar essa lacuna, despertando a atenção para esse relevante problema e para eventuais formas de atenuá-lo. A opção aqui é limitar a revisão a materiais que apresentem evidências, minimamente, robustas sobre os achados acadêmicos dos últimos dez anos e que tenham relação direta aos efeitos da exposição a conteúdos violentos, conforme detalhado nos tópicos seguintes.

CRITÉRIOS UTILIZADOS NA REVISÃO

O texto procura realizar uma revisão sistemática narrativa¹ da literatura existente a respeito de mídia e violência, para resumir os resultados mais consistentes em relação aos efeitos da exposição à violência exibida na mídia, especialmente na televisão, sobre indivíduos ou grupos específicos da população. A revisão sistemática se justifica quando estamos diante de um grande campo documental, como é o caso. Ela segue protocolos estabelecidos, sendo considerada como uma pesquisa científica rigorosa (Galvão; Ricarte, 2019).

Em uma revisão sistemática, os autores apresentam os critérios de busca, bem como as palavras-chave usadas, os critérios de inclusão e exclusão, os repositórios buscados e todas as informações relevantes para que outros pesquisadores possam replicá-la ou atualizá-la futuramente. Além disso, há uma tentativa de organizar e avaliar os resultados, incluindo as deficiências metodológicas e as lacunas existentes na teoria e nas evidências.

A seleção inicial considerou apenas os termos violência e mídia, em línguas portuguesa, inglesa e espanhola, e se concentrou nos repositórios Scielo, BVS, Science Direct e Web of Science (nos últimos dois repositórios, a seleção limitou-se aos 1.000 artigos mais relevantes). Além disso, o período de interesse foi limitado aos artigos produzidos entre 2012 e 2022, a fim de evitar material desatualizado. No total, foram encontrados 7.011 artigos que atenderam a esses critérios. A Tabela 1, abaixo, mostra a distribuição inicial dos artigos.

¹ Uma revisão narrativa é apropriada quando os estudos quantitativos a serem considerados empregam diversas metodologias ou partem de diferentes conceituações teóricas, construtos e/ou relacionamentos. As revisões narrativas sintetizam os resultados de estudos quantitativos individuais sem referência à significância estatística dos resultados. Elas são um meio particularmente útil de unir estudos sobre diferentes tópicos para reinterpretar ou interconexão, a fim de desenvolver ou avaliar uma nova teoria. As revisões narrativas também podem ser usadas para fornecer uma descrição histórica do desenvolvimento da teoria e da pesquisa sobre um tópico (Galvão; Ricarte, 2019).

TABELA 1

Distribuição quantitativa dos artigos por banco de dados e termos de busca*

Repositório	Palavras-chave	Filtro	Artigos Encontrados
Scielo	violência + medios	2012-2022	267
	violência +mídia	2012-2022	72
	violence + media	2012-2022	538
BVS	violência + medios	2012-2022	612
	violência +mídia	2012-2022	281
	violence + media	2012-2022	3.241
Science Direct*	violence + media	2012-2022	1.000
Web of Science*	violence + media	2012-2022	1.000
Total			7.011

* Data da busca: 10/10/2022 a 14/10/2022.

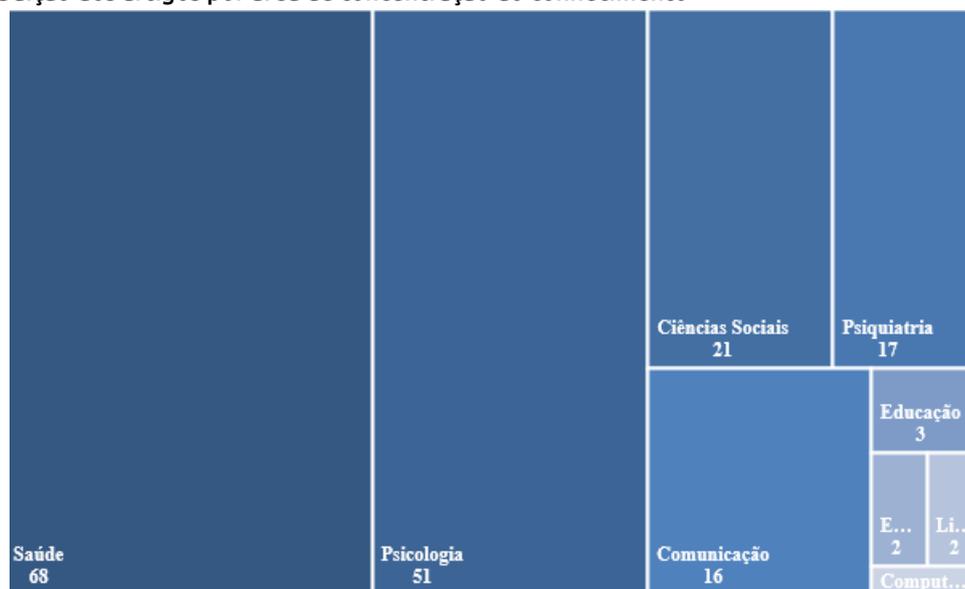
Fonte: Elaboração própria dos autores.

A etapa seguinte foi selecionar, dentro deste universo temático, os artigos que empregam metodologias mais robustas, do tipo experimental ou quase experimental, com base em dados quantitativos obtidos de amostras representativas, com grupos de controle, variáveis de controle, etc. Algumas exclusões foram consideradas de acordo com o tema do artigo: 1) Em relação às mídias: videogames, redes sociais, etc.; 2) Em relação a: pornografia, vulgaridades, aborto, violência obstétrica; 3) Quanto à modalidade: cartoons, filmes de ficção; e 4) Em relação à robustez metodológica: artigos qualitativos, não empíricos e não classificáveis na Escala de Maryland.

Quatro pesquisadores se dividiram para a realização das avaliações independentes dos artigos que deveriam ser revisados e considerados para fichamento completo, com base na leitura dos títulos e dos resumos dos artigos e em uma revisão superficial dos artigos (.pdf), para caso o leitor considere necessário consultar outros dados. Uma lista consolidada de 181 artigos foi elaborada com a dupla revisão de dois pesquisadores e o relatório completo dessa pesquisa foi avaliado por todos os autores.

GRÁFICO 1

Distribuição dos artigos por área de concentração do conhecimento



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia, Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

Como é perceptível, são áreas do conhecimento nas quais a pesquisa com indivíduos é mais tradicional, que se utilizam de métodos quantitativos para coleta e análise, e que adotam metodologias mais robustas de pesquisa, o que reflete os critérios de busca dessa revisão sistemática. Cinco áreas concentram 95% da literatura – Saúde, Psicologia, Ciências Sociais, Psiquiatria e Comunicação – e as duas primeiras são responsáveis por 65% da produção sobre o tema. Tais áreas são seguidas por Educação (3), Economia (2), Linguística (2) e Computação (1). Desses, 63 artigos tratam, especificamente, da questão dos efeitos da exposição à mídia violenta sobre o público, sobretudo os jovens, e destacaremos aqui 35 artigos que serão o foco desta versão reduzida da pesquisa.

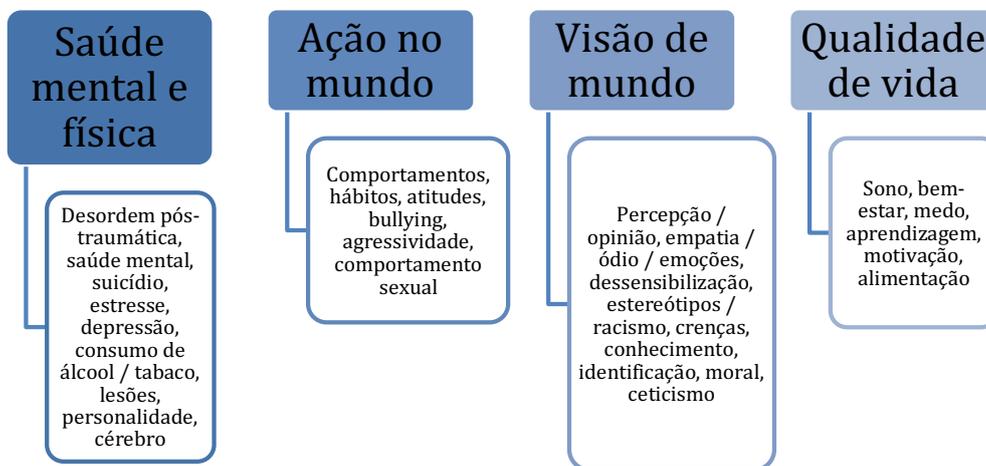
EFEITOS DA EXPOSIÇÃO AO CONTEÚDO VIOLENTO

A questão que estudiosos têm se perguntado desde o surgimento dos meios de comunicação é: Como a exposição desses conteúdos violentos afeta as pessoas? A revisão da literatura revelou uma série de efeitos possíveis, quer sejam relacionados à saúde física e mental dos receptores, quer à qualidade de vida, às visões de mundo ou às ações individuais.

A Figura 1, a seguir, foi elaborada a partir de uma nuvem de palavras extraídas da base de artigos de interesse, localizados pela revisão sistemática sobre “mídia” e “violência” na última década. Ele não é exaustivo e aborda apenas os efeitos mais citados.

FIGURA 1

Efeitos mais encontrados na literatura pesquisada e em áreas de afetação



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Como é possível notar, há uma grande variedade de consequências, algumas bastante graves, tanto no âmbito individual quanto no social. A maneira como a violência é mostrada na mídia tem consequências ainda mais relevantes, afetando a cultura das sociedades e suas normas sociais e jurídicas.

A pesquisa concentra-se nos efeitos sobre os indivíduos, demonstrando certa predileção da literatura pelo estudo por certos grupos. A partir da quantificação dos termos mais usados, foram encontradas diversas referências nos artigos a: crianças, adolescentes e jovens; mulheres e meninas; estudantes

e/ou universitários; parceiro(a); imigrantes e minorias; autistas, pessoas com deficiência intelectual; jornalistas; criminosos, policiais e justiça.

Tal predileção, aparentemente, guarda uma relação tanto com alguma percepção dos estudiosos sobre quais seriam os grupos mais vulneráveis (crianças, adolescentes, criminosos, minorias raciais e religiosas, jornalistas excessivamente expostos ao tema), quanto às próprias disciplinas a que se dedicaram esses estudos: quer seja na Economia, a Ciência Política ou a Sociologia tendem a tratar de efeitos mais gerais sobre a sociedade, quer sejam os estudos da Psicologia ou da área da Saúde que, em contraste, tendem a abordar as consequências sobre os indivíduos. Apesar de os efeitos afetarem a todos, eles parecem ter um impacto particularmente severo sobre aqueles grupos e indivíduos que: 1) estão mais expostos ao conteúdo violento; 2) são objetos retratados nas matérias; e/ou 3) contam com menos fatores protetivos para mediar a recepção desse conteúdo violento.

Estudos realizados pelas áreas da Psicologia e da Saúde mostram que os efeitos da exposição a conteúdos violentos nas mídias podem ser particularmente nocivos para as crianças, que são mais vulneráveis do que os adultos. É importante notar que, apesar de a maioria dos estudos ter encontrado efeitos significativos, a literatura não é unânime, uma vez que algumas pesquisas não estabelecem essa conexão; como nos casos das pesquisas de Janssen, Boyce e Pickett (2012) e de Contreras e Cano (2016), a primeira delas com uma amostra longitudinal.

É importante ter em mente que muitos estudos negligenciam o significado da relação entre exposição à mídia violenta e agressividade, que tende a ser bidirecional: a exposição à mídia violenta pode contribuir para o aumento da agressividade e da violência, mas é possível também que jovens com maior predisposição à agressividade e à violência tenham maior interesse nesse tipo de conteúdo. Apenas estudos específicos, ou longitudinais, que controlem os níveis anteriores de agressividade, podem estabelecer o sentido dessa relação.

AUSÊNCIA DE ASSOCIAÇÕES SIGNIFICATIVAS

Como exemplo de ausência de associação, Janssen, Boyce e Pickett (2012) estudaram a relação entre violência física e tempo gasto na tela entre crianças canadenses de 10 a 16 anos. O objetivo foi analisar as associações independentes entre cada tipo de tela – televisão, computador e videogame – com o uso de violência física na juventude. Para tal, os autores utilizaram uma amostra representativa de 9.672 jovens canadenses e uma amostra de 1.861 jovens em uma avaliação longitudinal, coletada um ano depois. Janssen, Boyce e Pickett encontraram, por meio de regressões logísticas, efeitos do uso do computador e videogames sobre violência física, mas o uso de televisão não foi associado à violência, depois de ser controlado por outras variáveis. Na amostra longitudinal, o uso de videogames foi um preditor significativo de violência, mesmo após a inserção de controles pelo uso de outras telas. Em relação à violência física, o uso de computador e games estiveram mais fortemente relacionados, porém não o uso de televisão.

Segundo Contreras e Cano (2016), a exposição à violência tem um papel relevante nos casos de violência praticada por jovens contra os pais. O objetivo de seu estudo foi analisar a exposição à violência em diferentes ambientes – escola, comunidade, casa e TV – e sua relação com algumas variáveis do processamento sociocognitivo, como a percepção social hostil, a impulsividade, e a capacidade de prever as consequências de comportamentos e selecionar os meios adequados para atingir os objetivos sociais. A amostra foi composta por 90 adolescentes espanhóis. Trinta deles eram jovens que foram denunciados pelos pais por serem violentos e 30 eram jovens que cometeram outros tipos de infrações. O terceiro

grupo foi formado por 30 adolescentes sem nenhuma acusação criminal. Os resultados revelam que os jovens que abusaram de seus parentes relataram níveis elevados de exposição à violência em casa, quando comparados aos outros grupos. Essa exposição à violência, por sua vez, está significativamente associada à percepção social hostil dos adolescentes nesses casos. No entanto, a exposição indireta, por meio de violência na TV, não se mostrou estatisticamente significativa no modelo que utilizou regressões logísticas. Dado que os autores reconhecem as limitações da pesquisa, uma vez que se trata de dados *cross sectional*, as conclusões sobre relações causais não são confiáveis.

Embora as evidências apresentadas sejam inconclusivas – extraídas de estudos não experimentais – e de baixa robustez, de acordo com os critérios da Escala de Maryland, a maioria dos estudos analisados estabelece uma associação significativa entre exposição à mídia violenta e diversos sintomas e comportamentos indesejados.

COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Com um objetivo semelhante ao de Janssen, Boyce e Pickett (2012), Kelishadi *et al.* (2015) analisaram a relação entre o tempo de lazer gasto assistindo televisão ou no computador e o comportamento agressivo e violento de crianças e adolescentes. O estudo usou uma amostra de 14.880 estudantes entre 6 e 18 anos, escolhidos por meio de uma amostra estratificada multiestágios oriunda de 30 províncias iranianas. Um questionário da Organização Mundial da Saúde foi aplicado para levantar as variáveis e a pesquisa concluiu que o uso prolongado de tempo de lazer nas telas – seja da televisão ou do computador – está relacionado ao comportamento violento e agressivo em crianças e adolescentes. A associação, conjecturam os autores, é explicada não apenas pela duração da exposição, mas também pelo conteúdo apresentado.

A pesquisa de Orue e Calvete (2012) com crianças espanholas foi realizada no mesmo ano em que o trabalho de Janssen, supracitado. O objetivo desse estudo foi analisar o papel mediador do esquema de justificação da violência na relação entre a exposição à violência e o comportamento agressivo reativo e proativo. Os autores diferenciaram exposição direta e indireta em quatro ambientes: casa, bairro, escola e TV. Um total de 675 crianças, com idades entre 8 e 12 anos, participaram do estudo. Elas responderam a questionários sobre exposição à violência, justificativa da violência e comportamento agressivo proativo e reativo em duas ondas, com seis meses de intervalo. Os resultados indicam que presenciar a violência em casa e na TV prenuncia o comportamento agressivo, e essa relação é guiada pela justificativa da violência. A vitimização em todos os contextos permitiu antecipar o comportamento agressivo e essa relação foi geralmente mediada pela justificativa da violência.

Outro estudo turco, realizado por Kaya, Bilgin e Singer (2012), levantou quais são os fatores que contribuem para o comportamento agressivo em alunos do Ensino Médio em Istambul. A amostra foi composta por 805 estudantes de 14 a 18 anos, que frequentavam cinco escolas de Ensino Médio em Istambul. O comportamento agressivo mais recorrente entre os alunos foi “bater nos outros” (34,5%). Os pesquisadores constataram que experiências anteriores de violência dos estudantes – seja por exposição direta à violência, ou pelo fato de terem testemunhado alguma violência, ou outro tipo de exposição – foram determinadas como o fator que mais contribuiu para o comportamento agressivo.

Os resultados de Swing e Anderson (2014), por outro lado, sugerem que problemas de atenção e impulsividade podem desempenhar um papel importante nos efeitos da mídia violenta sobre a agressão. Várias hipóteses

foram testadas a fim de avaliar problemas de atenção, impulsividade, violência da mídia, agressão impulsiva e premeditada, e outras variáveis contidas em sua amostra transversal. Os dados apontam que os problemas de atenção e a impulsividade revelam ser uma construção distinta de outros processos que se acredita mediar a agressão (crenças agressivas, esquemas relacionados à agressão, traços de raiva e de hostilidade). Déficits de atenção e impulsividade foram relacionados especificamente à exposição excessiva à mídia (total de horas semanais e conteúdo violento) e à agressão. Problemas de atenção e impulsividade foram particularmente relacionados à agressão impulsiva (em oposição à premeditada).

Outra pesquisa, realizada com estudantes por Coker *et al.* (2015), questionou a relação entre exposição à violência na mídia e agressão física em alunos da quinta série em três tipos de mídia distintos. Os dados foram analisados em uma pesquisa de corte transversal com 5.147 alunos da quinta série e seus pais, moradores dos Estados Unidos da América. Foi aplicado o método regressão linear multivariada, por meio do qual detectou-se que os efeitos para a associação de exposição à violência na mídia e agressão física foram mais graves do que para a maioria das outras variáveis investigadas. Essa associação foi considerada robusta e persistente. Segundo o estudo, a relação entre exposição à violência na mídia e agressividade na vida real é pelo menos tão importante quanto a de outros fatores como: agressão física em crianças, violência na vizinhança, violência doméstica, saúde mental infantil e ser do sexo masculino.

Rydell (2016) investigou a relação entre exposição à mídia violenta, agressão e traços de insensibilidade (*Callous Unemotional* – C.U.) na adolescência. Os traços de C.U. consistem na falta de empatia e de remorso vinculados a emoções de curta duração. Tais traços incluem irresponsabilidade, propensão ao tédio, busca de novidades e comportamento antissocial. O objetivo desse estudo foi analisar o papel da exposição à ação violenta para agressão posterior e traços insensíveis e não emocionais posteriores, a partir de uma amostra de adolescentes suecos (N = 77 e 85). Inicialmente, 85 jovens foram avaliados com 15 e 16 anos e, 77 deles foram reavaliados aos 18 anos. As hipóteses de seleção e socialização foram testadas utilizando-se um design comparativo de antes-depois. Os adolescentes relataram: delinquência violenta e traços de insensibilidade aos 15 anos; hábitos de mídia aos 16 anos; e agressão reativa e proativa e traços de insensibilidade aos 18 anos. A hipótese de seleção foi corroborada pelos traços de insensibilidade, ou seja, altos níveis de traços predizem o consumo frequente de ações violentas, mas o consumo de ações violentas não afetou os níveis posteriores de traços de insensibilidade. O consumo frequente de mídia violenta foi associado a agressões posteriores.

Ao considerarem que crianças expostas a múltiplas formas de violências tendem a quadros de dessensibilização e, conseqüentemente, à repetição de atitudes violentas pela normalização desses comportamentos na vida diária, Tarabah *et al.* (2016) avaliaram a associação das diversas exposições violentas à dessensibilização em crianças libanesas. Para isso, os autores realizaram um estudo transversal com 207 crianças de 8 a 12 anos. A metodologia aplicada se baseou em três pesquisas: a) *Media Preference*, no que se refere à violência na mídia; b) *KID-SAVE*, em relação à exposição à violência mais ampla; e c) *Attitude Toward Violence-Child*, ligada à dessensibilização de crianças. Vale salientar que a maior parte da amostra foi composta por crianças de estrato socioeconômico médio (SES), cerca de 76% do total, e que 56% delas eram do sexo masculino. Os resultados mostram que 66% das crianças relataram estar expostas a algum tipo de violência, com maior incidência de exposição entre os meninos de perfil socioeconômico inferior. O impacto negativo, entretanto, foi maior e mais significativo entre as meninas. As evidências revelam que o alto índice de exposição violenta em crianças no Líbano está diretamente associado à dessensibilização delas, e isso também fomenta a reprodução do comportamento violento que elas observam.

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia,
Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

Khurana *et al.* (2019) partiram da premissa de que a exposição à violência na mídia está associada a comportamentos agressivos em adolescentes, e também levaram em conta a hipótese de que algumas pessoas são mais sensíveis a determinados estímulos devido a características biológicas e comportamentais. Para analisarem essa relação, foi aplicado um método de modelagem de impacto. Analisaram o efeito da exposição à violência na mídia em relação ao risco (conflito familiar, impulsividade e busca por sensações) e fatores de proteção (como monitoramento, envolvimento e mediação dos pais). De acordo com os resultados, a exposição à mídia violenta é um dos fatores mais ligados ao risco de agressão, logo após a impulsividade e os conflitos familiares. A interação entre exposição à violência na mídia e conflitos familiares é comum na predição da agressão. Porém, mesmo quando todos os fatores de risco foram contabilizados, o monitoramento dos pais permaneceu sendo um fator significativo de prevenção à agressão.

Rostad, Basile e Clayton (2021) discutiram os efeitos da crescente popularidade dos dispositivos móveis com acesso à internet e o aumento da exposição dos adolescentes à mídia. O objetivo do estudo foi investigar a associação entre bullying e vitimização, violência no namoro adolescente e risco de suicídio, com diferentes tipos de uso de mídia (ou seja, uso de televisão e computador/videogame), e número total de horas de uso de mídia por dia escolar. Dados da Pesquisa de Comportamento de Risco Juvenil de 2015, representativa nacionalmente (n = 15.624), foram usados para analisar a associação entre uso da mídia, vitimização por violência e risco de suicídio. O uso da mídia esteve associado à vitimização no namoro adolescente apenas entre aqueles do sexo masculino, enquanto o uso das mídias foi relacionado a experiências de bullying e risco de suicídio entre estudantes de ambos os sexos. Além disso, o uso de mídia limitado (duas ou menos horas) e excessivo (cinco ou mais horas) mostraram correlações significativas entre o risco de suicídio e de vitimização por bullying – de modo que, com o uso limitado das mídias, a associação ao risco foi reduzida e, com o uso excessivo, o risco foi aumentado.

Um estudo controlado e aleatório realizado com 613 crianças com idades entre 3 e 5 anos, de Martin-Herz *et al.* (2022), utilizou dados sobre exposição a eventos estressantes e a meios de comunicação, variáveis demográficas e familiares. Sua finalidade foi a de compreender os impactos presentes na trajetória de externalização de comportamento da amostra. Ao longo de 18 meses, os dados evidenciaram que uma maior exposição a eventos estressantes sugere aparente queda na externalização de comportamentos nas crianças em idade escolar. Contrariamente, a dura exposição dos pais e dos meios de comunicação tem efeitos associados ao aumento de comportamentos externalizantes. Isso evidencia a necessidade de vigilância e atenção familiar no controle dos possíveis riscos aos quais crianças estão susceptíveis nessa fase.

Como pode-se notar, até então, os artigos focaram principalmente em análises com crianças e adolescentes. Mas quais seriam os riscos de um adulto que foi exposto a um consumo excessivo de mídia violenta na infância apresentar comportamentos violentos? Essa foi a pergunta do estudo realizado por Ybarra, Mitchell e Oppenheim (2022). Os autores utilizaram uma base de dados, com informações coletadas online, composta por 1.586 jovens com idades entre 10 e 15 anos, em 2006. Houve um acompanhamento longitudinal e, novamente, os dados foram coletados nos anos 2010, 2011 e 2016. Entre as informações coletadas, estavam as quantidades consumidas de diferentes mídias, como: músicas, videogames, sites com pessoas reais, televisão e desenhos animados com conteúdo violento (lutas físicas, ferimentos, tiros e morte). Os resultados foram compostos por dados de 887 jovens que concluíram a pesquisa ao longo dos anos examinados. O estudo concluiu que o aumento e/ou permanência no consumo de mídias violentas teve um impacto significativo na probabilidade de demonstração de comportamento violento na vida adulta. Dependendo do tipo de conteúdo e do tempo de exposição, as chances relativas a esse aumento

variaram em média 2,45 vezes – sendo que a maior frequência da exposição pode aumentar essa chance em 3,28 vezes para aqueles que forem expostos a músicas, 3,27 vezes para os expostos aos videogames e 3,51 vezes aos expostos à mídia televisiva. Isso demonstra que há efeitos a longo prazo nessa exposição.

Uma revisão sistemática da literatura organizada por Hong *et al.* (2012) sobre abuso parental praticado por adolescentes levou à conclusão de que a exposição à violência na mídia pode aumentar o risco de abuso dos pais. A influência de familiares, a tentativa de impor comportamentos de gênero (“forçar” para que a criança se identifique com um determinado gênero) e alterações na estrutura familiar podem ser fatores de risco. A violência doméstica e os maus-tratos aos filhos são outros fatores de risco, enquanto os resultados sobre o comportamento dos pais e as estratégias disciplinares são incertos. Além disso, os resultados da revisão indicam que crianças com mais idade e brancas têm uma tendência significativamente maior a abusar de seus pais. Tal qual as mães são significativamente mais propensas a serem abusadas do que os pais. Os estudos analisados levaram em conta a identificação de traços sociodemográficos de agressores e vítimas.

SAÚDE MENTAL: ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO, ANSIEDADE, DEPRESSÃO E OUTROS SINTOMAS

O uso de televisão e a exposição às mídias violentas na primeira infância foi objeto de pesquisa de Fitzpatrick, Barnett e Pagani (2012). Os autores investigaram como o consumo de programas televisivos violentos interferem na saúde mental de crianças na primeira infância. Para isso, uma amostra com 1.786 crianças, participantes do Quebec Longitudinal Study of Child Development, com idades entre 41 e 53 meses de vida e que, segundo os pais, foram expostas a algum tipo de conteúdo violento na TV, foi analisada. Os resultados sugerem que a exposição violenta televisiva pode representar uma ameaça ao desenvolvimento acadêmico, social e emocional das crianças a médio e longo prazos. Segundo a percepção dos professores, as crianças que assistiram, em média, 1,8 horas de mídia televisiva com programação mista apresentaram sintomas antissociais, com maior aflição emocional, desatenção e menor rendimento acadêmico global, na segunda série do ensino básico. Além disso, as crianças demonstraram menor conhecimento acadêmico por e menor motivação intrínseca, de acordo com seus próprios relatos. Em suma, apesar de ajustes realizados nas condições pré-existentes de cada criança, houve manutenção de fatores negativos, tais como a presença de agressão infantil de base.

A literatura ainda demonstra que a exposição dos jovens a cenas de violência ou medo na televisão pode ser extremamente traumática para eles, conforme exposto nos resultados do estudo transversal iraniano realizado por Kousha e Tehrani (2013). Os autores analisaram quais episódios da vida podem prever o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). A amostra foi de crianças e adolescentes de 1 a 18 anos, diagnosticados com o problema. Os eventos mais recorrentes foram assistir a cenas violentas ou assustadoras na televisão, seguidas de assistir à morte de alguém ou à cerimônia fúnebre. As principais patologias apresentadas por essas pessoas foram transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, depressão e ansiedade. O estudo sugere que os pais sejam notificados sobre isso, pois essa simples medida pode diminuir a incidência do distúrbio.

Gvirsman *et al.* (2014) investigaram os efeitos da exposição à violência étnica e política sobre jovens telespectadores do Oriente Médio; dentre esses efeitos, estão sintomas como comportamentos agressivos e estresse pós-traumático. No contexto de Israel *versus* Palestina, trata-se de uma exposição

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia,
Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

crônica, ou seja, repetida e acumulada. O estudo, de natureza longitudinal, analisou 1.207 jovens que vivenciaram o conflito de perto. Como era esperado, os elevados níveis de exposição crônica pela mídia estavam longitudinalmente correlacionados a também elevados níveis de estresse pós-traumático e agressão aos pares, independentemente da exposição à violência em outros contextos. Os efeitos longitudinais sobre agressão e sintomas trauma foram, particularmente, intensos entre jovens que, inicialmente, apresentavam elevados níveis dos mesmos tipos de desajustes. Dessa forma, os resultados corroboram para conceptualizar uma relação entre violência na mídia e comportamentos considerados “reciprocamente determinados”.

Por outro lado, Madan, Mrug e Wright (2014) conduziram um estudo sobre os possíveis efeitos da exposição à mídia violenta e fatores associados à ansiedade, à pressão arterial e ao ritmo cardíaco em adolescentes tardios. Os participantes foram submetidos a filmes e clipes violentos ou não violentos de alta ação e relataram seus níveis de ansiedade antes e depois da exposição, bem como foram aferidas as pressões arteriais e os batimentos cardíacos de cada um deles. O grupo foi composto por 209 estudantes universitários, com idade média de 19 anos, de maioria feminina (75%) e com diferentes origens étnicas (asiáticos, caucasianos, afro-americanos, hispânicos e minorias raciais diversas). Os resultados demonstram aumento significativo dos níveis de ansiedade entre aqueles que assistiram a filmes violentos se comparados àqueles que não assistiram. Os dois grupos (expostos e não expostos) apresentaram aumento de pressão arterial e redução dos batimentos cardíacos. Enquanto isso, os indivíduos que relataram exposição a conteúdos violentos, anteriormente ao experimento, demonstraram menor reatividade fisiológica, o que pode indicar certo grau de dessensibilização – corroborando, portanto, os estudos apresentados anteriormente.

Considerando os efeitos causados pela exposição da violência em indivíduos no longo prazo, Schmidt, Zimmerman e Stoddard (2018) realizaram um estudo com 316 jovens afro-americanos com vistas a compreender esses desdobramentos. O objetivo foi compreender o impacto da exposição à violência na adolescência no que diz respeito à orientação futura dos jovens, especialmente em relação aos níveis de estresse. Os adolescentes recrutados tinham idade média de 15 anos, sendo 57,9% mulheres e 42,1% homens, e baixa condição socioeconômica; todos eram oriundos de um distrito escolar no Meio-Oeste dos Estados Unidos da América. Além disso, foram analisados longitudinalmente, por meio de equações estruturais de multigrupo. Encontraram-se associações entre uma maior exposição à violência e níveis mais elevados de estresse na percepção desses jovens, o que, conseqüentemente, causa um impacto negativo nas perspectivas de vida dos jovens adultos. Além disso, verifica-se que os piores resultados estavam associados aos jovens que tinham uma menor participação familiar em suas vidas.

O estudo de Jung *et al.* (2019) estabelece que a relação entre assistir TV e o transtorno de estresse pós-traumático é controversa. Contudo, propõe-se a avaliar uma possível relação bidirecional entre TEPT e assistir TV entre mulheres de uma comunidade. Como resultado, o estudo aponta que altos níveis de visualização de TV podem estar relacionados a estratégias de enfrentamento ineficazes ou isolamento social, o que aumenta o risco de se desenvolver TEPT.

Um estudo realizado também em 2019 por Hennefield *et al.* teve como objetivo analisar a compreensão sobre a morte entre crianças de 3 a 6 anos em relação a comportamentos depressivos e ideação suicida, relacionando-os ao consumo dos meios de comunicação social. Dessa forma, 79 crianças diagnosticadas com quadros depressivos, após uma avaliação psiquiátrica de grande complexidade, foram comparadas com um grupo de 60 crianças saudáveis com idades entre 4 e 7 anos. As evidências demonstram que crianças com

depressão e ideação suicida apresentam maior compreensão global sobre a morte em comparação àquelas que apresentam quadros de depressão sem ideação suicida e às saudáveis. As crianças com idades mais avançadas apresentaram maior probabilidade de diminuir a morte como algo violento, enquanto um maior consumo de televisão esteve associado tanto à menor compreensão da morte quanto à sua irreversibilidade.

ALTERAÇÕES CEREBRAIS

Alia-Klein *et al.* (2014) apresentaram algumas premissas interessantes, por exemplo, a de que a mídia que retrata a violência faz parte das exposições diárias e o quanto que a exposição à mídia violenta afeta o cérebro e o comportamento. Todavia, reconhecem que não há dados experimentais suficientes para fundamentar esse debate. O artigo sugere que a reação à mídia violenta depende, criticamente, das diferenças de personalidade/traços entre os espectadores, onde aqueles com tendência à agressão física reagirão de forma diferente dos controles. A variação está relacionada à resposta autonômica e ao funcionamento do cérebro que diferencia aqueles com tendências de agressão dos outros. Os autores selecionaram um grupo de indivíduos agressivos e um grupo de indivíduos não agressivos da população saudável. Em seguida, registraram o cérebro, a pressão sanguínea e as respostas comportamentais durante a linha de base em repouso, enquanto os grupos assistiam à violência na mídia e na mídia emocional, que não retratava a violência. O resultado da pesquisa revela que as diferenças individuais no traço de agressão estão fortemente relacionadas às reatividades cerebral, comportamental e autonômica à violência na mídia.

A exposição à violência na televisão, medida por relatos diários de consumo de mídia, foi associada a uma diminuição do nível de substância branca de uma área do cérebro, de acordo com pesquisa de Hummer *et al.* (2014). O estudo utilizou uma amostra de 65 indivíduos adultos saudáveis, com idades entre 18 a 29 anos. Os participantes concluíram uma série de testes laboratoriais neuropsicológicos que permitiram determinar as funções executivas e submeteram-se a uma ressonância magnética. Contudo, o estudo sugere que é necessária uma pesquisa futura para compreender se os indivíduos com função executiva deficiente e crescimento mais lento da substância branca são mais atraídos pela programação violenta ou se a exposição prolongada à violência na mídia altera essa estrutura.

No mesmo sentido, o trabalho de Stockdale *et al.* (2015) utilizou técnicas de eletroencefalografia do couro cabeludo para investigar a relação entre a exposição à violência e as alterações neurais associadas ao processamento emocional da face. Os resultados do estudo indicam que a exposição excessiva à violência na mídia pode causar dessensibilização das pessoas a estímulos emocionais, o que, conseqüentemente, requer menos recursos cognitivos para inibir o comportamento.

O artigo de Lull, Çetin e Bushman (2015) teve como objetivo investigar se a exposição à mídia que contém violência e sexo pode prejudicar a atenção e a memória. Conforme o texto, é possível inferir que os efeitos observados em ambos os experimentos podem ser decorrentes de deficiências cognitivas. Enquanto os participantes em todas as condições entraram nos experimentos com a capacidade de atenção ostensivamente igual, o conteúdo violento e sexual atraiu a atenção e os recursos cognitivos, criando um déficit de capacidade cognitiva entre as condições experimentais em ambos os experimentos. Dessa forma, aqueles que não assistiram à violência ou às cenas de sexo tiveram um desempenho melhor em tarefas de cunho verbal na segunda língua do que aqueles que assistiram à violência e/ou às cenas de sexo. O trabalho também trouxe algumas boas reflexões, como a sugestão de que a mídia violenta e sexual pode prejudicar a memória de aprendizagem, sem importar como se sintam a presença de conteúdo

violento e sexual nas mídias populares. Portanto, pode-se argumentar que domínios como esse são particularmente apropriados para análise; os efeitos cognitivos, como deficiências de memória, têm um valor neutro mais imune a possíveis torções de mão do que os efeitos sociais estabelecidos em bases morais contenciosas. Pesquisas futuras continuarão confirmando quais efeitos cognitivos existem e em que bases eles têm um impacto social mensurável e indiscutível.

QUALIDADE DO SONO E DA ALIMENTAÇÃO

A exposição a conteúdos violentos na televisão e em outros meios de comunicação afeta os hábitos de sono em crianças. Garrison, Liekweg e Christakis (2011) buscaram aprofundar essa perspectiva a fim de compreender como a escolha dos conteúdos e a utilização dos adultos poderiam influenciar essa relação. O objetivo foi a obtenção de dados de um estudo controlado e aleatório, contendo informações sobre hábitos de sono, títulos assistidos, conteúdo, uso da televisão, jogos de videogames e computador, além da codificação das classificações indicativas de conteúdo, violência e ritmo. A amostra foi composta por um grupo de crianças com idades entre 3 e 5 anos. Os resultados mostram que o uso de meios de comunicação social e o consumo de conteúdos violentos à noite estão associados a problemas no sono. O uso de conteúdos violentos durante o dia era estimulado pela presença de televisores no quarto e em crianças com baixo rendimento escolar.

Em outro estudo, Garrison e Christakis (2012) investigaram se uma intervenção adequada do uso dos meios de comunicação social e da televisão poderia exercer um efeito benéfico sobre os efeitos já identificados no sono das crianças. Para isso, os autores realizaram uma pesquisa aleatória e controlada, com uma intervenção saudável para 565 crianças da mesma faixa etária (de 3 a 5 anos). A intervenção consistiu no encorajamento dos pais e familiares em substituir os conteúdos violentos ou impróprios para as crianças por conteúdos educativos de qualidade pró-social, durante um período de 6 meses. Os resultados sugerem uma relação causal entre a exposição a mídias violentas e os efeitos negativos no sono das crianças, pois apesar de não haver alterações significativas, as crianças que receberam a intervenção mostraram uma tendência de diminuir as chances de apresentarem problemas de sono em comparação àquelas que tiveram maior exposição. No entanto, os efeitos de longo prazo da exposição sofrida anteriormente continuaram, embora em menor escala, sendo o impacto mais comum o atraso na latência do sono, que foi relatado em 38% da amostra; o que corrobora a relação entre a exposição de crianças a conteúdos violentos e problemas no sono.

Em relação a esse tema, Gentile *et al.* (2014) analisaram dados de 1.323 jovens em idade escolar (terceira, quarta e quinta séries do ensino básico), bem como dados fornecidos por um responsável direto e por professores desses estudantes. Os alunos foram selecionados para participar de um programa de prevenção à obesidade, sendo as principais medidas avaliadas: o IMC, a média de sono por semana, o desempenho escolar, o comportamento agressivo e o pró-social. O estudo conclui que o acompanhamento dos pais em relação à mídia que as crianças consomem tem um efeito protetor em diversos aspectos, tais como: melhora do sono, do rendimento acadêmico, do desempenho pró-social e da saúde física dos alunos – proporcionando benefícios e uma vida mais saudável a eles.

Ainda em questões relativas ao sono, o estudo de Mazurek *et al.* (2016) mostra o efeito do uso de mídias eletrônicas na hora de dormir em crianças do espectro autista. Os autores analisaram os efeitos da presença de equipamentos de mídia no quarto, do uso desses equipamentos na rotina da hora de dormir e a exposição

à mídia com conteúdo violento pouco antes de dormir sobre as dificuldades no sono. A pesquisa entrevistou 101 parentes de crianças com autismo, concluindo que televisão e videogames na rotina de sono estão associados com dificuldades para essas crianças. Da mesma forma, a exposição à mídia violenta antes de deitar é associada a um sono menos profundo: assistir a esse tipo de conteúdo meia hora antes do sono pode aumentar significativamente a demora para adormecer e, conseqüentemente, a duração do sono.

Gentile *et al.* (2017) realizou uma investigação semelhante: o autor trabalhou a hipótese de que os efeitos adversos da exposição à violência televisiva, como a diminuição do rendimento escolar ou o aumento da agressividade, podem ser ainda piores para os jovens com televisão no quarto e que assistem a ela antes de dormir. O estudo analisou três ensaios longitudinais de diferentes países, concluindo que assistir à televisão antes de dormir é um fator de risco significativos para diversos aspectos do desenvolvimento infantil, tanto pelo que as crianças e jovens assistem quanto por outras atividades que elas deixam de fazer, como ler ou dormir. TV no quarto implica em mais tempo exposto à tela e a maior exposição à mídia violenta. O conteúdo violento, por sua vez, aumenta crenças normativas a respeito da agressão, resultando em um aumento das agressões físicas. O estudo demonstra que a mídia pode ter efeitos não apenas pelo que ela mostra, mas também pelo que a criança deixa de ser exposta.

A exposição à violência também pode estar associada a outros fatores da saúde adolescente, conforme analisaram Piontak *et al.* (2017) por meio de uma pesquisa diária, realizada, primeiramente, com adolescente em situação de risco, entre 12 e 15 anos, e residentes em bairros de baixa renda. Os adolescentes e seus pais passaram por uma triagem telefônica e logo após por avaliações presenciais. A Avaliação Ecológica Momentary Assessment (EMA) foi entregue a cada um deles e durante 30 dias, três vezes ao dia (por telefone), eles foram expostos a algum tipo de situação, quer seja em relação aos hábitos alimentares, de sono, à falta de atividade física ou à exposição à violência. O Índice de Massa Corporal (IMC) também foi mensurado antes e após 18 meses do término da pesquisa. Na sequência, os autores replicaram o mesmo experimento em uma amostra representativa, com 395 adolescentes. A comparação com os não expostos evidenciou que os adolescentes expostos à violência demonstraram maior disposição ao consumo de alimentos e bebidas não saudáveis, bem como maior cansaço matinal, posteriormente à exposição, e maior atividade. Ademais, foi identificada uma associação direta ao aumento do consumo de cafeína, refrigerantes e uma maior probabilidade de aumentar o IMC a posteriori.

OUTROS EFEITOS E ASSOCIAÇÕES: PERCEPÇÕES

Em uma meta-análise robusta, realizada por Bushman (2016), 37 estudos que investigam a relação entre violência na mídia e percepções hostis do mundo foram verificados. A análise incluiu todos os trabalhos que tratam dessa relação e que não apresentam viés de publicação. Os resultados revelam correlação “pequena” a “moderada” para a exposição à mídia violenta e avaliações hostis ($r = 0,20$, IC 95% = 0,14, 0,26). Além disso, correlações significativas foram encontradas em estudos experimentais, transversais e longitudinais, indicando uma triangulação de evidências. Os efeitos não apresentaram correlação com o gênero do participante e foram estáveis ao longo do tempo. Entretanto, a associação entre a exposição à mídia violenta e avaliações hostis esteve positivamente relacionada à idade, sugerindo que a mídia violenta pode ter efeitos cumulativos no longo prazo.

Com o objetivo de compreender a relação entre a exposição de uma pessoa à violência e a criação de fantasias violentas, um estudo longitudinal realizado por Eisner *et al.* (2021) investigou 1.465 pessoas. Os

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia,
Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

dados foram obtidos por meio do “Projeto de Zurique sobre o Desenvolvimento Social da Infância à Idade Adulta”. A pesquisa utilizou modelos Tobit, ajustados para relacionar fantasias violentas vividas entre 17 e 20 anos, com episódios de exposição à violência, nos 12 meses anteriores, enquanto controlavam fatores de risco de desenvolvimento antecedentes e fantasias violentas anteriores. Os resultados mostram que pensamentos violentos são influenciados por pensamentos violentos, comportamentos agressivos, consumo de mídia violenta, neutralização moral da violência e sintomas de introspecção medidos dois anos antes. Os resultados foram consistentes para evidenciar que as fantasias violentas são desencadeadas por um mecanismo psicológico ligado à retaliação, e surgem em resposta à violência praticada contra o indivíduo por outra pessoa. A simplificação seria a afirmação que violência gera violência. Além da relação entre causa e efeito da mídia violenta, que resulta em mais comportamentos violentos, o estudo destaca os diversos efeitos psicológicos, que vão muito além das manifestações físicas.

CONCLUSÃO

O tema mídia e violência é bastante abrangente, como esta revisão pretende mostrar. A proposta é apresentar uma visão panorâmica de alguns dos subtemas mais recorrentes que essa literatura trabalhou entre 2012 e 2022, focando em artigos empíricos com algum grau de rigor metodológico; mas nem de longe a variedade de temas e abordagens foram esgotadas.

Os estudos revistos parecem corroborar a existência de diversos efeitos nocivos da exposição infantil à violência midiática, tais como: a) comportamento violento e agressivo; b) estresse pós-traumático, ansiedade e depressão; c) agressão aos pares; d) agressão relacional; e) violência entre parceiros íntimos; f) sono e alimentação de má qualidade; g) dessensibilização emocional; h) riscos de suicídios e vitimização por bullying. Além disso, verifica-se que essas associações são, provavelmente, bidirecionais – pessoas agressivas também preferem conteúdo agressivo –, muitas vezes influenciadas por outros fatores, como crenças normativas e justificativas morais. Os efeitos podem ser persistentes e, anos depois, se manifestar na vida adulta. Muitos dos resultados apresentados não são oriundos de pesquisas experimentais nem permitem conclusões causais. Mas há uma grande evidência de que a exposição à mídia violenta é um fator de risco para diversos problemas e que sua exibição e seu consumo precisam ser regulados.

Muitos dos artigos avaliados estão nos níveis mais baixos de robustez da Escala de Maryland. No entanto, no conjunto, esses artigos demonstram, consistentemente, que, em determinadas circunstâncias, a exposição ao conteúdo violento pela mídia aumenta os riscos de uma ampla gama de efeitos deletérios, em pelo menos uma parcela significativa da população. O conjunto da obra, portanto, parece merecer ser reportado, é uma “pista” que deve ser considerada.

Esta revisão procura não apenas documentar os efeitos, mas também elencar o que a literatura tem recomendado como políticas e práticas para minimizar essas externalidades; elas incluem: regulamentação governamental; autocontrole das empresas jornalísticas; uso de tecnologias para detectar violência em vídeo; programas nas escolas; gerenciamento de crises durante episódios de massacres; dar voz às minorias retratadas nas matérias; aperfeiçoar os estudos sobre consumo de mídia violenta; reforçar a orientação parental; ofertar serviços de acompanhamento de saúde mental; criar material de orientação; workshops sobre melhores práticas; qualificar a cobertura jornalística dos eventos violentos; entre outras recomendações.

Tais políticas e práticas podem atuar como fatores protetivos, contrabalançando os fatores de risco, e serão tanto mais eficazes quanto mais focadas nos grupos de riscos apontados na literatura. O tema é vasto e está longe de ser esgotado. Espera-se que este texto seja útil para dar uma ideia inicial dos principais tópicos que envolvem mídia e violência, tal qual para compreender como a literatura dos últimos dez anos tem tratado o problema empiricamente, preenchendo uma lacuna na literatura brasileira sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIA-KLEIN, Nelly; WANG, Gene-Jack; PRESTON-CAMPBELL, Rebecca; MOELLER, Scott; PARVAZ, Muhammad; ZHU, Wei; JAYNE, Millard; WONG, Chris; TOMASI, Dardo; GOLDSTEIN, Rita; FOWLER, Joanna; VOLKOW, Nora. Reactions to media violence: It's in the brain of the beholder. **PLoS ONE**, v. 9, n. 9, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0107260>.

BUSHMAN, Brad. Violent media and hostile appraisals: a meta-analytic review. **Aggressive Behavior**, vol. 42, n. 6, p. 605-613, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1002/ab.21655>.

CHRISTAKIS, Dimitri; GARRISON, Michelle; HERRENKOHL, Todd; HAGGERTY, Kevin; RIVARA, Frederick; ZHOU, Chuan; LIEKWEG, Kimberly. Modifying media content for preschool children: a randomized controlled trial. **Pediatrics**, v. 131, n. 3, p. 431-438, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2012-1493>.

COKER, Tumaini; ELLIOTT, Marc; SCHWEBEL, David; WINDLE, Michael; TOOMEY, Sara; TORTOLERO, Susan; HERTZ, Marci; PESKIN, Melissa; SCHUSTER, Mark. Media violence exposure and physical aggression in fifth-grade children. **Academic Pediatrics**, v. 15, n. 1, p. 82-88, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acap.2014.09.008>.

CONTRERAS, Lourdes; CANO, María del Carmen. Violencia filio-parental: el papel de la exposición a la violencia y su relación con el procesamiento sociocognitivo. **The European Journal of Psychology Applied to Legal Context**, v. 8, n. 2, p. 43-50, 2016. DOI: <https://dx.doi.org/10.1016/j.ejpal.2016.03.003>.

EISNER, Manuel; AVERDIJK, Margit; KAISER, Daniela; MURRAY, Aja; NIVETTE, Amy; SHANAHAN, Lilly; VAN GELDER, Jean-Louis; RIBEAUD, Denis. The association of polyvictimization with violent ideations in late adolescence and early adulthood: a longitudinal study. **Aggressive Behavior**, v. 47, n. 4, p. 472-482, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/ab.21965>.

FITZPATRICK, Caroline; BARNETT, Tracie; PAGANI, Linda. Early exposure to media violence and later child adjustment. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 33, n. 4, p. 291-297, maio 2012. DOI: <https://doi.org/10.1097/DBP.0b013e31824eaab3>.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 12 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21728/logcion.2019v6n1.p57-73>.

GARRISON, Michelle M.; LIEKWEG, Kimberly; CHRISTAKIS, Dimitri A.. Media use and child sleep: the impact of content, timing, and environment. **Pediatrics**, v. 128, n. 1, pág. 29-35, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2010-3304>.

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia,
Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

GARRISON, Michelle; CHRISTAKIS, Dimitri. The impact of a healthy media use intervention on sleep in preschool children. **Pediatrics**, v. 130, n. 3, p. 492-499, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2011-3153>.

GENTILE, Douglas; BERCH, Olivia; CHOO, Hyekyung; KHOO, Angeline; WALSH, David. Bedroom media: one risk factor for development. **Developmental Psychology**, v. 53, n. 12, p. 2340-2355, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1037/dev0000399>.

GENTILE, Douglas; REIMER, Rachel; NATHANSON, Amy; WALSH, David; EISENMANN, Joey. Protective effects of parental monitoring of children's media use a prospective study. **JAMA Pediatrics**, v. 168, n. 5, p. 479-484, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2014.146>.

GVIRSMAN, Shira Dvir; HUESMANN, L. Rowell; DUBOW, Eric; LANDAU, Simha; SHIKAKI, Khalil; BOXER, Paul. The effects of mediated exposure to ethnic-political violence on middle east youth's subsequent post-traumatic stress symptoms and aggressive behavior. **Communication Research**, v. 41, n. 7, p. 961-990, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0093650213510941>.

HENNEFIELD, Laura; WHALEN, Diana; WOOD, Grace; CHAVARRIA, Mary; LUBY, Joan. Changing conceptions of death as a function of depression status, suicidal ideation, and media exposure in early childhood. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 58, n. 3, p. 339-349, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.07.909>.

HONG, Jun Sung; KRAL, Michael; ESPELAGE, Dorothy; ALLEN-MEARES, Paula. The social ecology of adolescent-initiated parent abuse: a review of the literature. **Child Psychiatry and Human Development**, v. 43, n. 3, p. 431-454, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10578-011-0273-y>.

HUMMER, Tom; KRONENBERGER, William; WANG, Yang; ANDERSON, Caitlin; MATHEWS, Vincent. Association of television violence exposure with executive functioning and white matter volume in young adult males. **Brain and Cognition**, v. 88, p. 26-34, 2014. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.bandc.2014.04.010>.

JANSSEN, Ian; BOYCE, William; PICKETT, William. Screen time and physical violence in 10 to 16-year-old Canadian youth. **International Journal of Public Health**, v. 57, p. 325-331, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00038-010-0221-9>.

JUNG, Sun Jae; WINNING, Ashley; ROBERTS, Andrea; NISHIMI, Kristen; CHEN, Qixuan; GILSANZ, Paola; SUMNER, Jennifer; FERNANDEZ, Cristina; RIMM, Eric; KUBZANSKY, Laura; KOENEN, Karestan. Posttraumatic stress disorder symptoms and television viewing patterns in the Nurses' Health Study II: a longitudinal analysis. **PloS One**, v. 14, n. 3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0213441>.

KAYA, Fadime; BILGIN, Hulya; SINGER, Mark. Contributing factors to aggressive behaviors in high school students in Turkey. **The Journal of School Nursing**, v. 28, n. 1, p. 56-69, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1059840511418669>.

KELISHADI, Roya; QORBANI, Mostafa; MOTLAGH, Mohammad Esmail; HESHMAT, Ramin; ARDALAN, Gelayol; JARI, Mohsen. Relationship between leisure time screen activity and aggressive and violent behaviour in Iranian children and adolescents: the CASPIAN-IV Study. **Paediatrics and International Child Health**, v. 35, n. 4, p. 305-311, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/20469047.2015.1109221>.

KHURANA, Atika; BLEAKLEY, Amy; ELLITHORPE, Morgan; HENNESSY, Michael; JAMIESON, Patrick; WEITZ, Ilana. Sensation seeking and impulsivity can increase exposure to risky media and moderate its effects on adolescent risk behaviors. **Prevention Science**, v. 20, n. 5, p. 776-787, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11121-019-0984-z>.

KOUSHA, Maryam; TEHRANI, Shervin Mehdizadeh. Normative life events and PTSD in children: how easy stress can affect children's brain. **Acta Medica Iranica**, v. 51, n. 1, p. 47-51, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23456584/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

LULL, Robert; ÇETIN, Yakup; BUSHMAN, Brad. Violent and sexual media impair second-language memory during encoding and retrieval. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 56, p. 172-178, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.jesp.2014.10.001>.

MADAN, Anjana; MRUG, Sylvie; WRIGHT, Rex. The effects of media violence on anxiety in late adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 43, p. 116-126, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0017-3>.

MARTIN-HERZ, Susanne; HAGGERTY, Kevin; NEILANDS, Torsten; STERLING, Mona; CHRISTAKIS, Dimitri. Factors associated with trajectories of externalizing behavior in preschoolers. **Academic Pediatrics**, v. 22, n. 7, p. 1212-1220, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acap.2021.12.027>.

MAZUREK, Micah; ENGELHARDT, Christopher; HILGARD, Joseph; SOHL, Kristin. Bedtime electronic media use and sleep in children with autism spectrum disorder. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, v. 37, n. 7, p. 525-531, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000314>.

ORUE, Izaskun; CALVETE, Esther. La justificación de la violencia como mediador de la relación entre la exposición a la violencia y la conducta agresiva en infancia. **Psicothema**, Oviedo, v. 24, n. 1, p. 42-47, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/727/72723431007.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2024.

PIONTAK, Joy Rayanne; RUSSELL, Michael; DANESE, Andrea; COPELAND, William; HOYLE, Rick; ODGERS, Candice. Violence exposure and adolescents' same-day obesogenic behaviors: new findings and a replication. **Social Science & Medicine**, v. 189, p. 145-151, 2017. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.socscimed.2017.07.004>.

ROSTAD, Whitney; BASILE, Kathleen; CLAYTON, Heather. Association among television and computer/video game use, victimization, and suicide risk among U.S. High School students. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 36, n. 5-6, p. 2282-2305, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260518760020>.

RYDELL, Ann-Margret. Violent media exposure, aggression and CU traits in adolescence: testing the selection and socialization hypotheses. **Journal of Adolescence**, v. 52, n. 1, p. 95-102, 2016. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.07.009>.

SCHMIDT, Carissa; ZIMMERMAN, Marc; STODDARD, Sarah. A longitudinal analysis of the indirect effect of violence exposure on future orientation through perceived stress and the buffering effect of family participation. **American Journal of Community Psychology**, v. 62, n. 1-2, p. 62-74, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/ajcp.12254>.

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia,
Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

STOCKDALE, Laura; MORRISON, Robert; KMIĘCIK, Matthew; GARBARINO, James; SILTON, Rebecca. Emotionally anesthetized: media violence induces neural changes during emotional face processing. **Social Cognitive and Affective Neuroscience**, v. 10, n. 10, p. 1373-1382, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1093/scan/nsv025>.

SWING, Edward; ANDERSON, Craig. The role of attention problems and impulsiveness in media violence effects on aggression. **Aggressive Behavior**, v. 40, n. 3, p. 197-203, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/ab.21519>.

TARABAH, Asma; BADR, Lina Kurdahi; USTA, Jinan; DOYLE, John. Exposure to violence and children's desensitization attitudes in Lebanon. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 31, n. 18, p. 3017-3038, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260515584337>.

YBARRA, Michele; MITCHELL, Kimberly; OPPENHEIM, Jay Koby. Violent media in childhood and seriously violent behavior in adolescence and young adulthood. **Journal of Adolescent Health**, v. 71, n. 3, p. 285-292, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2022.03.003>.

Efeitos da exposição à mídia violenta: uma revisão sistemática da literatura (2012-2022)

Tulio Kahn, Roger Ferreira, Fernanda Poli Garcia, Twanny Emmanuely Gomes de Oliveira e Gustavo Facundo Nino

REVISTA
BRASILEIRA
DE **SEGURANÇA PÚBLICA**